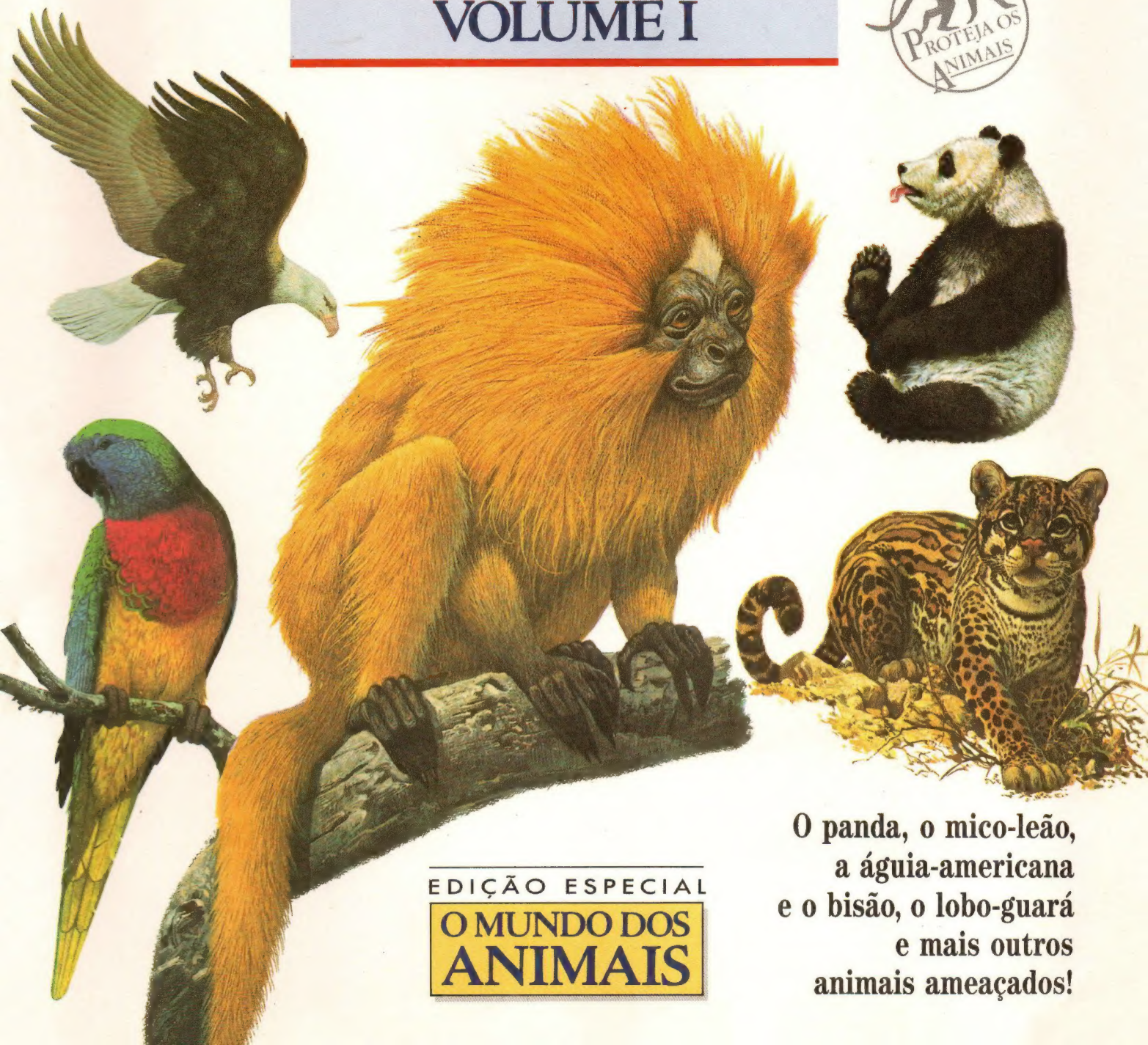
GUIA ILUSTRADO

# ANIMAIS EM EXTINÇÃO

## VOLUME I

PROTEJA OS ANIMAIS



O panda, o mico-leão,
a águia-americana
e o bisão, o lobo-guará
e mais outros
animais ameaçados!

EDIÇÃO ESPECIAL

O MUNDO DOS ANIMAIS

GUIA ILUSTRADO

# ANIMAIS EM EXTINÇÃO

VOLUME I

NOVA CULTURAL

EDITORA
NOVA CULTURAL
Fundador:
Victor Civita
(1907-1990)

© 1977 Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milano.
© 1990, Editora Nova Cultural Ltda.,
São Paulo, Brasil, para a língua portuguesa.
*1.ª Edição:* © 1985, Editora Nova Cultural Ltda.

Edição organizada pela Editora Nova Cultural Ltda.,
Av. Brig. Faria Lima, 2000 — 3º andar
CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil.
(Artigo 15 da Lei 5 988, de 14/12/1973.)

Esta obra foi composta na Linoart Ltda.
e impressa na Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.

**Consultoria:** Ladislau Alfons Deutsch, Diretor da Imparque S/C-Implantação de Parques, Reservas e Zoológicos (São Paulo).

**FÉRIAS, VIAGENS, MUDANÇAS:**
**NÃO FIQUE COM A COLEÇÃO INCOMPLETA**
Se você está saindo de férias ou pretende ficar longe de casa por algum tempo, avise antes seu jornaleiro. Ele poderá guardar os seus fascículos enquanto você estiver fora. Se você perdeu alguns números peça-os também ao seu jornaleiro ou entre em contato com o distribuidor da DINAP S/A DISTRIBUIDORA NACIONAL DE PUBLICAÇÕES que atende a sua cidade.

Você pode ainda pedi-los por carta à
DINAP S/A DISTRIBUIDORA NACIONAL DE PUBLICAÇÕES
A/C NÚMEROS ATRASADOS — Estrada Velha de Osasco, 132
Jardim Teresa — CEP 05350 — Osasco — SP
A remessa será feita ao distribuidor de sua cidade.

**Obs.:**
1) Quando pedir livros, mencione sempre o título e autor da obra.
2) Os pedidos serão atendidos ao preço da última edição existente nas bancas.
**Atenção:** Após seis meses do encerramento da coleção, o atendimento aos pedidos dependerá da disponibilidade do estoque.

Em **Portugal**, os pedidos devem ser feitos à Distribuidora Jardim de Publicações Lda.,
Qta. Pau Varais, Azinhaga de Fetais, 2685,
Camarate, Lisboa — Apartado 57.
Telex nº 43069, JARLIS P.

**SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO LEITOR**
Encaminhe seus comentários, críticas ou reclamações ao Serviço de Atendimento ao Leitor,
Caixa Postal 9 442, CEP 01051, São Paulo.

# SUMÁRIO

Introdução ..... 4
Panda-gigante ..... 6
Aie-aie ..... 8
Ganso-nenê ..... 10
Orangotango ..... 12
Mico-leão ..... 14
Jaguatirica ..... 16
Hiena-parda ..... 16
Guepardo ..... 18
Vicunha ..... 20
Bisão-europeu ..... 22
Águia-americana ..... 24
Indri ..... 26
Solenodonte-de-cuba ..... 28
Tamanduá-bandeira ..... 28
Lontra-marinha ..... 30
Faisão-de-elliot ..... 32
Faisão-do-mikado ..... 32
Leopardo-das-neves ..... 34
Onça-pintada ..... 34
Cavalo-de-przewalski ..... 36
Dragão-de-komodo ..... 38
Canguru-mirim-de-listra-branca ..... 40
Canguru-mirim-parma ..... 40
Foca-monge ..... 42
Kakapo ..... 44
Periquito-de-peito-escarlate ..... 44
Lobo-guará ..... 46
Lince da península Ibérica ..... 48
Papagaio-da-nova-zelândia ..... 50
Coruja-pequena-das-seychelles ..... 50
Grou-da-mandchúria ..... 52
Pingüim-das-galápagos ..... 52
Morsa ..... 54
Dugongo ..... 54
Gavial-do-ganges ..... 56
Iguana-terrestre-das-galápagos ..... 56
Uacari-vermelho ..... 58
Langur-jaspeado ..... 58
Francelho-da-ilha-maurício ..... 60
Francelho-das-seychelles ..... 60
Jumento-africano ..... 62

# Introdução

É muito freqüente, nos dias de hoje, falar-se em poluição ambiental, destruição do meio ambiente, extinção das espécies. É também freqüente as pessoas não entenderem muito bem o que acontece, ou como as coisas acontecem, no que diz respeito à tão falada ecologia — o estudo dos seres vivos em relação ao seu meio ambiente.

Vamos tentar dar uma idéia dos fatos.

A poluição ambiental dispensa maiores explicações: em geral todos nós a sentimos de maneira bem direta. A destruição do meio ambiente também é fácil de observar, embora muitas vezes seus efeitos não se façam notar de imediato. Já a extinção das espécies parece algo mais longínquo em relação a nós. No entanto, é um fator muito ligado à nossa sobrevivência.

Existe na natureza uma seqüência de fatos e ações que mantém um sistema em equilíbrio. Trata-se de um equilíbrio dinâmico, isto é, em constante movimento, mudando continuamente. Vamos dar um exemplo bem genérico: imaginemos uma área de terreno com vegetação. Para viver, essa vegetação obtém energia da luz solar e transforma água e gás carbônico numa substância orgânica, a glicose. É o processo da fotossíntese. Ao produzir a glicose, a planta acumula energia da luz solar nessa molécula; depois, metabolizando as moléculas de glicose, ela consegue a energia necessária para sobreviver.

Os animais herbívoros alimentam-se de plantas, e delas retiram a energia necessária; por sua vez, os carnívoros devoram os herbívoros, buscando neles também a energia de que precisam. Existe, assim, uma seqüência alimentar:

vegetais ➧ animais herbívoros ➧ animais carnívoros

Uns não podem, portanto, sobreviver sem os outros. Pois bem, voltando à idéia inicial, em que imaginamos um terreno com vegetação, podemos continuar

o raciocínio: numa área com vegetação vivem herbívoros, que comem plantas; se o número desses animais se tornar excessivo, a vegetação acabará sendo destruída: ela não conseguirá reproduzir-se e crescer no mesmo ritmo em que os herbívoros a devoram; se isso acontecer, os herbívoros também podem desaparecer, por falta de alimento.

Para que o equilíbrio desse ambiente seja mantido, impõe-se a presença de carnívoros: alimentando-se dos herbívoros, impedem que o número destes aumente de maneira desastrosa para a vegetação. Assim, um ambiente está em equilíbrio quando nele ocorrem as quantidades ideais de vegetação, de herbívoros e de carnívoros; essas quantidades são "flutuantes", quer dizer, variam, formando um equilíbrio dinâmico: os herbívoros "controlam" a população dos vegetais, e os carnívoros, a população dos herbívoros, podendo haver aumento ou diminuição de um dos três fatores. A destruição de um deles, porém, pode ser catastrófica.

O homem faz parte desse ambiente e influi em seu equilíbrio. Ultimamente, uma série de fatores tem alterado profundamente certos ambientes. Entre eles, podemos citar o uso irracional de adubos; o refugo das fábricas abusivamente lançado no ar ou nas águas; a caça indiscriminada; a destruição de florestas pelo avanço de plantações, ou pela ocupação humana. Essas alterações poderão provocar desequilíbrios perigosos, irreversíveis, que atingirão todos os seres vivos da Terra — nós, entre eles. E que poderão levar todo o sistema a um colapso.

É por isso que precisamos estudar bem o ambiente em que vivemos, preservar as espécies, manter o equilíbrio ecológico. É preciso, se mais não fosse, pela finalidade egoísta de nossa própria sobrevivência.

*Ladislau A. Deutsch*

# PANDA-GIGANTE

*(Ailuropoda melanoleuca)*

Poucas vezes um animal selvagem foi alvo de tanta publicidade e despertou tanta simpatia quanto o panda-gigante. E, por incrível que pareça, o mundo ocidental só teve notícias dele no século XIX, quando o naturalista francês Armand David, um padre jesuíta, o descreveu pela primeira vez. Curiosamente, as anotações do padre David não se basearam no animal vivo, mas em duas peles de pandas mortos por caçadores chineses.

O primeiro exemplar vivo que chegou ao Ocidente foi uma jovem fêmea, capturada em 1936 pela norte-americana Ruth Harkness, e comprada por 8 700 dólares pelo Zoológico de Chicago.

**Distribuição geográfica.** Em tempos muito antigos, o panda-gigante habitava uma vasta extensão de território do sul da China. Hoje, encontra-se apenas nas montanhas das províncias chinesas de Szechwan, Sinkiang, Shensi e Kansu; durante o verão, vive também na província tibetana de Tsinghai.

**Habitat.** O panda-gigante vive na zona de florestas de bambus e de coníferas, em altitudes compreendidas entre 2 500 e 4 000 m, de clima frio e úmido.

**Medidas de proteção.** Sabe-se que o panda-gigante é raro, mas ignora-se o número exato de exemplares em liberdade; estima-se que sejam cerca de 200. Seus inimigos naturais, o leopardo e o cão-vermelho (uma espécie de cão selvagem), também em extinção, não representam grande perigo para a sua sobrevivência.

Assim, acredita-se que a redução do número de pandas-gigantes se deva à ocupação humana dos territórios originalmente por eles habitados. Isso teve como conseqüência o desaparecimento das florestas de bambus; ora, os brotos dessa planta são o alimento favorito do animal. Ainda, como o bambu tem pouco valor nutritivo, o animal precisa consumir grande quantidade de alimento. Outro fator que explica a tendência à extinção é a baixa capacidade reprodutiva da espécie.

No entanto, desde 1939 o panda-gigante é protegido por leis chinesas, que transformaram em reservas naturais as regiões onde ele vive.

Exemplo dramático da ameaça que paira sobre tantas espécies animais, o panda-gigante foi escolhido como símbolo da World Wildlife Fund (WWF).

# AIE-AIE

(*Daubentonia madagascariensis*)

O aie-aie é um lêmure, ou seja, um mamífero primata, parente distante do macaco. Os lêmures são animais primitivos, de focinho proeminente, olhos grandes, cauda longa e peluda, que vivem em sua maior parte na ilha de Madagascar (costa oriental da África).
O aie-aie é um bicho tímido, de hábitos noturnos, e considerado sagrado pela população local. De acordo com uma lenda de Madagascar, quando um homem dorme na floresta, os aie-aies fazem um travesseiro de folhas para ele. Se, ao acordar, o travesseiro estiver sob sua cabeça, o homem será muito rico; se estiver embaixo de seus pés, será vítima de um feitiço.

**Distribuição geográfica.** Os primeiros estudos sobre o aie-aie indicavam sua presença nas florestas costeiras de Madagascar e nas que se situam a baixas altitudes, ao norte, leste e oeste da ilha. Atualmente, porém, existem apenas alguns exemplares espalhados a nordeste, e outros provavelmente na costa noroeste.

**Habitat.** Animal de floresta, a sobrevivência do aie-aie está estreitamente ligada à presença de árvores em cujo tronco se abrigam certos tipos de inseto que se alimentam de madeira. O alimento favorito dos aie-aies são justamente as larvas desses insetos, que eles retiram do tronco com a unha do dedo médio, muito comprido.

**Medidas de proteção.** Devido à destruição sistemática das florestas em Madagascar, foi se reduzindo o número de aie-aies. Além de ter sido privado de seu *habitat* natural, outro fator concorre para que a população de aie-aies seja muito pequena: o ritmo de reprodução. Suspeita-se que a fêmea não tenha uma cria anual, mas apenas de dois em dois anos.
Embora se procure salvar o aie-aie, os resultados não têm sido muito animadores. Em 1957 foi criada uma pequena reserva em Mahambo, perto de Fenerive, na costa leste de Madagascar, depois que alguns exemplares foram vistos na região. Mais tarde, onze indivíduos foram transferidos de Madagascar para uma ilha próxima, Nossi-Mangabé, onde as condições de sobrevivência são mais favoráveis. Além disso, o aie-aie tolera mal o cativeiro, e não se conhece nenhum caso de reprodução fora do seu *habitat* natural. Calcula-se que hoje o número de aie-aies não ultrapasse meia centena.

# GANSO-NENÊ

*(Branta sandvicensis)*

O ganso-nenê (nenê é como os indígenas o chamam no Havaí) mede de 60 a 70 cm de comprimento, e sua plumagem é marrom, preta, cinza e branca. Uma faixa de plumas negras na cabeça lembra um capuz. Embora pertença ao gênero *Branta*, que reúne os gansos do mar, o ganso-nenê acabou por se transformar, ao longo de sua evolução, numa espécie quase exclusivamente terrestre.

**Distribuição geográfica.** Ilha do Havaí, no arquipélago do mesmo nome, nas encostas dos vulcões Mauna Kea, Mauna Loa e Hualalai. Em 1962, foi introduzido nas encostas do vulcão Haleakala, na ilha de Mauí, no mesmo arquipélago.

**Habitat.** Vive nas encostas de vulcões, a altitudes entre 1 500 e 2 500 m, um meio inóspito e pouco acessível, quase sempre envolto em bruma.

**Medidas de proteção.** O ganso-nenê é o melhor exemplo de uma espécie que, no limite da extinção, foi salva pela criação em cativeiro e reintrodução em seus lugares de origem.
Ele vivia em equilíbrio até que as ilhas começaram a ser habitadas pelos polinésios. Estes o caçavam, mas sem chegar a pôr em perigo a sua existência. O drama começou com a chegada dos brancos. Primeiro, pela caça desenfreada; depois, pela introdução, nas ilhas, de mamíferos predadores e pela destruição de seu *habitat* pelo gado doméstico.
Por volta de 1950 havia no arquipélago apenas 50 gansos-nenê. Nessa época, um macho e duas fêmeas foram capturados e enviados para o Wildfowl Trust, de Slimbridge, na Inglaterra, dirigido por Sir Peter Scott, vice-presidente da WWF. Em 1951, nasceram 9 filhotes. Nesse meio tempo, o Departamento de Agricultura do arquipélago do Havaí tinha criado em Pohakuloa uma estação de reprodução de gansos-nenê.
O Wildfowl Trust criou mais de 800 gansos-nenê, 200 dos quais foram postos em liberdade na ilha do Havaí e 180 confiados a cinqüenta zoológicos do mundo.
Atualmente, o número de gansos-nenê ultrapassa 1 000 exemplares. A espécie ainda é considerada rara, mas já não está ameaçada de extinção. O Wildfowl Trust foi informado de que não é mais necessário reintroduzir gansos-nenê no Havaí, pois o Wildlife Service, dos Estados Unidos, já conseguiu obter uma reprodução suficiente no local.
O ganso-nenê foi escolhido como emblema do 50º Estado norte-americano, ou seja, o do arquipélago do Havaí.

# ORANGOTANGO

*(Pongo pygmaeus)*

Orangotango é uma palavra de origem malaia que significa "homem dos bosques". Os daiaques, indígenas das selvas de Bornéu, supunham que esse grande macaco fosse um homem peludo que vivia nas árvores.
O orangotango é um antropóide, ou seja, um macaco semelhante ao homem, como o gorila e o chimpanzé. Mas, ao contrário destes últimos, que são essencialmente terrestres — só sobem às árvores para dormir ou para se refugiar —, o orangotango vive nas árvores. Perfeitamente adaptado ao mundo arborícola, é um acrobata prudente. Ao pular de galho em galho, jamais solta as mãos enquanto não se sente realmente seguro.

**Distribuição geográfica.** O orangotango habita algumas regiões das ilhas de Sumatra e Bornéu, na Indonésia.

**Habitat.** Florestas tropicais, incluindo antigas plantações florestais que retornaram ao estado selvagem.

**Medidas de proteção.** Calcula-se entre 5 000 e 10 000 o número de orangotangos. Entre os fatores responsáveis por esse número reduzido destaca-se a caça indiscriminada e a destruição de seu *habitat.* As florestas estão desaparecendo para dar lugar a plantações. Além disso, é intensa a derrubada de árvores de madeira de lei, não só pelo valor comercial da madeira como das essências vegetais que delas se extraem.
O orangotango não se adapta facilmente a novos ambientes, e os animais das regiões mais atingidas estão condenados a desaparecer. É protegido por leis, mas estas não são obedecidas. O contrabando e as capturas ilegais continuam, e as reservas de Sarawak e de Sabah — na ilha de Bornéu — são insuficientes.

# MICO-LEÃO

*(Leontopithecus rosalia rosalia)*

Existem três subespécies de mico-leão, diferentes apenas na cor da pelagem: a mais comum é o mico-leão-dourado *(Leontopithecus rosalia rosalia)*, com longos e sedosos pêlos amarelo-dourados. A cara é marrom-escura. O que mais se destaca nesse animal é a "juba" — daí o nome mico-leão. O mico-leão atinge, no máximo, 73 cm de comprimento — a metade, e às vezes até mais, pertence à cauda.
Esse pequeno macaco tem hábitos curiosos: o recém-nascido, por exemplo, passa apenas cerca de quatro dias agarrado à mãe. Depois disso, é o pai que o carrega, cuida, limpa e penteia. A mãe só aparece na hora da mamada. Ela estende os braços e o pai lhe entrega o filhote, para uma mamada de cerca de 15 minutos. Mas, mesmo nessa hora, o pai não se distancia. A amamentação dura cerca de três meses. Depois, começa sua alimentação normal: insetos, pequenos invertebrados, aranhas, lesmas, pássaros, ovos, frutos.

**Distribuição geográfica.** O mico-leão habitava uma vasta área da faixa costeira dos Estados brasileiros da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Hoje ainda é encontrado nessa região, porém em número bem menor.

**Habitat.** Florestas tropicais. Vive sobre as árvores, entre 3 e 10 m de altura.

**Medidas de proteção.** Um levantamento feito em 1968 fixava em apenas 600 o número de micos-leões. Outro, de 1971, indicava somente 400 indivíduos em liberdade. A causa da rápida diminuição está na degradação do meio ambiente, na substituição das florestas por áreas de cultivo e na invasão urbana. A proteção legal e as restrições à importação, adotadas pela Grã-Bretanha e Estados Unidos, não são suficientes para garantir a sobrevivência da espécie.
Na década de 70 criou-se o Tijuca Bank of Lion Marmosets, destinado a repovoar o Parque Nacional da Tijuca, no Rio de Janeiro, e a transferir para áreas preservadas os animais que se encontram em regiões ameaçadas. Esse organismo acolhia, em 1976, 36 *L. r. rosalia*, 8 *L. r. chrysomelas* e 9 *L. r. chrysopygus*, dos quais alguns indivíduos já ali nascidos. Ainda nos anos 70 foi também criada em Poço das Antas (Silva Jardim), no Estado do Rio de Janeiro, uma reserva de 3 000 hectares destinada ao mico-leão.
Em 1975, 45 machos e 34 fêmeas viviam em treze zoológicos; 55 deles haviam nascido em cativeiro. E tem sido justamente a criação em cativeiro que vem assegurando a continuidade da espécie.

## JAGUATIRICA

*(Felis pardalis)*

A jaguatirica é um belo felino. Sua pelagem de fundo varia com o lugar onde vive: ocre ou alaranjada nas populações de florestas úmidas; mais acinzentada nas populações de clima seco. As manchas escuras estão sempre presentes. Tem, no máximo, 1 m de comprimento, mais cerca de 50 cm de cauda.

**Distribuição geográfica.** No passado, a jaguatirica habitava quase todo o continente americano. Hoje é encontrada numa área reduzida, na América do Norte (extremo sul do Texas e algumas regiões do México). Na América do Sul, porém, sua distribuição manteve-se praticamente inalterada — da Colômbia ao norte da Argentina.

**Habitat.** Ambientes muito diversos — florestas tropicais úmidas, florestas costeiras, savanas pantanosas, regiões arbustivas e áridas.

**Medidas de proteção.** A jaguatirica é muito caçada pelo alto valor de sua pele. Vários países, no entanto, já proibiram o comércio de peles e, mais recentemente, a caça desse felino. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos só permitem a importação de jaguatiricas para fins de pesquisa ou repovoamento.

## HIENA-PARDA

*(Hyaena brunnea)*

A hiena-parda ou hiena-brúnea é a mais rara e a menos conhecida das hienas. É semelhante à hiena-listrada mas seu pêlo é mais comprido, podendo atingir 25 cm. Tem a pelagem acinzentada na cabeça, e marrom no resto do corpo. Uma espécie de crina dorsal cai, mole, sobre os flancos, mas pode eriçar-se quando o animal se irrita ou pressente algum perigo.

**Distribuição geográfica.** A hiena-parda habitava uma vasta área do sul da África. Hoje vive apenas em pequenas regiões esparsas. E está presente, em número muito reduzido, no Parque Nacional Krüger, na África do Sul, nas reservas da província de Natal e em duas reservas de Angola.

**Habitat.** Partes mais áridas da savana. Gosta de planícies abertas e florestas ralas.

**Medidas de proteção.** O *Red Data Book* (livro vermelho das espécies em perigo) considera a hiena-parda uma espécie "vulnerável", ou seja, que pode desaparecer. A espécie é protegida, mas ignora-se o número de indivíduos em liberdade. Em 1975, havia 53 hienas-pardas em 22 zoológicos do mundo, das quais 24 nascidas em cativeiro. Registram-se por ano 3 a 4 nascimentos.

# GUEPARDO

*(Acinonyx jubatus)*

Antigamente o guepardo era chamado de *Cynailurus,* palavra latina que significa "cão-gato". Isso porque ele lembra ao mesmo tempo um cão (um galgo) e um gato.
Não há dúvida de que o guepardo é um felino, mas algumas de suas características não são típicas da família; possui garras não retráteis e, embora evite a proximidade do homem, quando capturado deixa-se domesticar e treinar com facilidade.
Na Antiguidade foi muito usado em caçadas, cumprindo o mesmo papel de um cão ou de um falcão. Em seu livro de viagens, Marco Polo conta que quando visitou a China, em 1275, na corte do imperador Kublai Khan havia mil guepardos, que eram levados para a caça encapuzados, como se faz com os falcões.

**Distribuição geográfica.** No passado, o guepardo habitava a Ásia — da Índia ao mar Vermelho — e todo o continente africano — com exceção das florestas tropicais úmidas e da faixa central do deserto do Saara. Atualmente ainda é encontrado na África, mas em número muito reduzido. A subespécie asiática *(Acinonyx jubatus venaticus)* está limitada a certas regiões a leste do Irã e às zonas áridas situadas entre o Afeganistão e o Turquestão (União Soviética).

**Habitat.** O ambiente preferido do guepardo é a savana seca, mas também freqüenta zonas de plantas altas e orlas de florestas.

**Medidas de proteção.** O comércio de peles, a ocupação de seu território por pastagens ou plantações estão entre as principais causas da redução do número de guepardos. Em 1976, a UICN (União Internacional para a Conservação da Natureza) apontava apenas a subespécie asiática como em perigo de extinção. Em 1980, porém, a USDI (United States Department of the Interior), um órgão do governo norte-americano, considerou a espécie (o que inclui todas as subespécies) ameaçada. E ela já era protegida em quase toda a África (com exceção da África do Sul), na União Soviética e no Irã.
Na verdade, as leis nem sempre são obedecidas. No início da década de 70, por exemplo, a Federação Internacional de Peleteiros emitiu um comunicado pedindo que, durante três anos (a partir de 1971), não fossem usadas peles de guepardo. Mas essa recomendação foi absolutamente ignorada na França, Itália, Espanha, Escandinávia e Japão.
Por todas essas razões, a situação atual do guepardo é vista com apreensão, pois o animal não se reproduz bem em cativeiro. O primeiro caso de reprodução bem-sucedida ocorreu em 1956, na Filadélfia; nos anos seguintes foram registrados poucos casos.

# VICUNHA

*(Vicugna vicugna)*

Embora pertença à família do camelo e do dromedário, a vicunha é um animal esbelto e gracioso, e cuja altura jamais ultrapassa 1 m. Vive em bandos de fêmeas e filhotes, comandados por um macho. Em caso de perigo, é ele que dá o alarme, soltando um grito semelhante a um assobio; em seguida, coloca-se entre o bando e o agressor, para dar tempo às fêmeas e aos filhotes de fugirem.
A vicunha é capaz de perceber à distância seus poucos inimigos naturais, e corre com velocidade suficiente para escapar deles. Nada disso, porém, impediu que o homem a tenha caçado intensamente, por causa de sua lã, entre as mais valiosas do mundo.

**Distribuição geográfica.** No passado, as vicunhas ocupavam vastos territórios nas zonas mais elevadas dos Andes — no Chile, Argentina, Bolívia, Peru e Equador. Ainda existem reduzidas populações de vicunhas nos quatro primeiros países; no Equador, a espécie está extinta.

**Habitat.** A vicunha vive nos altos platôs dos Andes, entre 3 000 e 5 000 m de altitude; no verão, prefere as zonas situadas abaixo das neves eternas, onde se alimenta de plantas suculentas; o resto do ano vive na *puña,* platô de clima seco e árido.

**Medidas de proteção.** Desde o Império Inca (século XIII), a caça à vicunha era proibida. Matava-se apenas o excedente de machos para utilizar sua pele, e a lã era oferecida à família real, a única que podia usar vestes tecidas com material tão precioso. Durante a dominação espanhola, iniciada no século XVI, porém, as vicunhas foram mortas à razão de 80 000 por ano. Seu número chegou a tal nível que Simón Bolívar, o herói da independência de vários países andinos, elaborou uma lei protegendo o animal no Peru e na Bolívia. A caça ilegal, entretanto, continuou, e a pele alcançava preços cada vez mais altos no mercado negro.
Em 1960, as vicunhas estavam reduzidas a 10 000 exemplares (eram 400 000 em 1950). Em 1966, o Peru criou a primeira reserva — o Pampa Galeras —, onde foram colocadas 640 vicunhas; em seguida, outras foram criadas no Chile, Bolívia e no próprio Peru. Na década de 70, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha proibiram a importação da lã de vicunha. Essas medidas permitiram aumentar o número de animais em algumas dezenas de milhares (são 45 000 só no Peru). A espécie já não corre perigo imediato, mas ainda é considerada vulnerável.

# BISÃO-EUROPEU

(*Bison bonasus*)

O bisão-europeu, tantas vezes pintado pelo homem pré-histórico nas paredes de suas cavernas, foi uma vítima do progresso, da caça e do crescimento da população humana. Numerosíssimo no passado, estava reduzido, no século XIX, a alguns exemplares, que viviam na Polônia. Em 1925, a subespécie *Bison bison caucasicus* estava extinta, e o *Bison bonasus* só se salvou por milagre.
O bisão-americano teve um pouco mais de sorte. Em 1850, existiam mais de 50 milhões de cabeças; em 1890, por obra de caçadores e aventureiros, entre os quais Buffalo Bill, o bisão-americano estava reduzido a 500. Em 1907, era instituída a Reserva de Wichita, onde se reuniu uma manada de bisões. Entre 1915 e 1920, por iniciativa do governo dos EUA e do Canadá, foram tomadas medidas definitivas para a preservação dos milhares de cabeças distribuídas pelos parques e reservas dos dois países. Assim, o número de bisões-americanos cresceu, chegando a 40 000 cabeças.

**Distribuição geográfica**. No passado, o bisão-europeu habitava quase toda a Europa. Atualmente, os remanescentes vivem na floresta de Bialowieza, na Polônia, e em alguns parques da União Soviética.

**Habitat**. No inverno, os bisões-europeus preferem o clima seco das montanhas. Nas outras estações, procuram as florestas úmidas e sombrias, ricas em ervas, folhas, e bolotas que caem dos castanheiros.

**Medidas de proteção**. O último bisão-europeu que vivia em liberdade foi abatido em 1921, na Polônia. Os bisões atuais são resultado de um plano de preservação que usou como matrizes cerca de 50 animais que viviam em zoológicos e reservas particulares. Só em 1956 um pequeno grupo foi enviado para a floresta de Bialowieza, num retorno à vida selvagem. Essa reserva abrigava, em 1975, 350 animais, em sua maioria nascidos ali. Além dos bisões russos (652, em 1975), existem exemplares em diversos zoológicos do mundo e em reservas especiais destinadas à reprodução da espécie.
Hoje, a espécie, que conta cerca de 10 000 animais, é considerada praticamente salva.

# ÁGUIA-AMERICANA

*(Haliaeëtus leucocephalus)*

Nas armas dos Estados Unidos destaca-se, imponente e orgulhosa, uma enorme águia de cabeça e cauda brancas. É a águia-americana, ou águia-do-mar-de-cabeça-branca. A cabeça, o alto do pescoço e a cauda são recobertos por uma plumagem branca que contrasta com o marrom do corpo. Isso faz dessa espécie uma das mais belas aves de rapina diurnas. Tem 70 a 90 cm de comprimento e cerca de 2 m de envergadura alar.

As águias-americanas que vivem nas regiões setentrionais nidificam no final da primavera, começo do verão. As que vivem mais ao sul constroem o ninho no final do inverno, início da primavera. Macho e fêmea fazem juntos o ninho, perto da água, em árvores ou no alto de costões. Também se revezam no choco, durante 35 dias. Com 3 meses de vida, os filhotes arriscam-se a sair do ninho, mas só o abandonam definitivamente quando começam a voar.

**Distribuição geográfica.** A águia-americana habita a América do Norte, do Alasca à Califórnia e Flórida, e o nordeste da Sibéria.

**Habitat.** Litoral, margens de rios e lagos, onde encontra seus alimentos: pequenos mamíferos, pássaros aquáticos, peixes, répteis e anfíbios.

**Medidas de proteção.** A águia-americana foi a primeira ave onde se encontraram traços de pesticidas tóxicos, produtos que provocam uma queda de fertilidade nos casais da ordem de 44%. Isso contribui para o declínio da espécie. Outra causa da redução de exemplares foi o avanço da ocupação humana em suas regiões de nidificação.

Em 1976, calculava-se que existissem 55 000 exemplares no Alasca e apenas 4 000 nos Estados Unidos. Nessa época, havia cerca de 130 águias-americanas em zoológicos, quase todos nos Estados Unidos, onde são propriedade do governo federal. Na França, no Jardin des Plantes, havia 2 exemplares.

A espécie é protegida por lei em toda a sua área de distribuição, mas alguns exemplares ainda são mortos pelos agricultores.

# INDRI

*(Indri indri)*

Se o cientista europeu que batizou esse intrigante animal compreendesse a língua dos nativos de Madagascar, teria sabido que, ao falarem "indri", eles não estavam se referindo ao nome do bicho, mas apenas querendo dizer: "Olhe! Olhe para ele!".

Para as populações de Madagascar, o indri é um animal sagrado, ao qual atribuem poderes sobrenaturais. Acredita-se, por exemplo, que uma árvore onde mora um indri pode salvar uma pessoa de doenças incuráveis; e, se uma lança for jogada contra o animal, ele a apanhará e a devolverá a quem a arremessou.

O indri é o maior dos prossímios, com cerca de 80 cm de comprimento. A cabeça é arredondada e, na cara, chamam a atenção os grandes olhos castanho-amarelados. O pêlo, farto e sedoso, é preto na região dorsal, no alto da cabeça, braços e parte anterior das coxas. Nas outras regiões, é branco, cinza-claro ou ligeiramente ruivo.

O indri é arborícola e alimenta-se de folhas, flores e frutos. Vive em pequenos grupos familiares compostos de até quatro indivíduos. De vez em quando grita em coro com os companheiros; o chamado é respondido por outros grupos da floresta.

Pouco se sabe sobre o modo de reprodução do indri, época de acasalamento ou duração da gestação. É um animal muito arisco, que sempre escapa da aproximação humana. Presume-se, entretanto, que a gestação dure de quatro a cinco meses e que tenha apenas um filhote por ano, que é amamentado por seis meses.

**Distribuição geográfica.** O indri vive exclusivamente em Madagascar.

**Habitat.** Floresta tropical úmida.

**Medidas de proteção.** O desmatamento, as queimadas e a agricultura estão destruindo o *habitat* do indri; além disso, a caça e a penetração do homem em seu ambiente natural perturbam sua paz e, provavelmente, reduzem as taxas de natalidade. Tudo isso tem contribuído para o declínio da espécie — que, aliás, parece nunca ter sido muito abundante.

As leis de proteção ao animal são consideradas insuficientes. Existem reservas naturais no cabo Masoala e de Batampona, e perto de Perinet; são porém pequenas ou inadequadas à sobrevivência do indri.

Como o indri não sobrevive fora de seu ambiente natural, é impossível criá-lo em cativeiro e fazer com que ele se reproduza, medida que tem sido adotada para salvar tantas outras espécies ameaçadas de extinção.

## SOLENODONTE-DE-CUBA

*(Solenodon cubana)*

O solenodonte é um insetívoro que lembra muito o musaranho. Mede cerca de 50 cm de comprimento, incluindo a cauda. Tem pelagem marrom, focinho muito alongado e patas grandes, com garras bem desenvolvidas. Seus hábitos são predominantemente noturnos.

**Distribuição geográfica.** Ilha de Cuba.

**Habitat.** Florestas e regiões montanhosas com vegetação arbustiva. Às vezes aproxima-se de plantações.

**Medidas de proteção.** Entre as causas da raridade do solenodonte-de-cuba está, em primeiro lugar, a destruição de seu *habitat*, principalmente das florestas; em segundo, a introdução na ilha do mangusto e de carnívoros domésticos, como cães e gatos. A espécie é protegida por lei, mas mesmo assim sua situação é considerada muito grave.

## TAMANDUÁ-BANDEIRA

*(Myrmecophaga tridactyla)*

O tamanduá-bandeira pode ter mais de 2 m de comprimento, dos quais 80 cm pertencem à cauda. Sua língua é longa, flexível e viscosa, o que lhe permite recolher seu único alimento: formigas, cupins e as larvas desses insetos. Os membros anteriores são relativamente curtos, porém munidos de garras poderosas.

**Distribuição geográfica.** É encontrado da Guatemala ao norte da Argentina.

**Habitat.** Campos cerrados, perto de zonas alagadas.

**Medidas de proteção.** Ignora-se o número de tamanduás-bandeira, mas sabe-se que eles desaparecem dos lugares onde a "civilização" chega. Na Argentina, Peru e Brasil vivem apenas nas regiões onde seu *habitat* não foi alterado.
Embora protegido por lei em todos os países, e presente em parques nacionais, o tamanduá-bandeira está ameaçado de extinção. Isso porque, além do avanço progressivo da civilização, nem sempre as leis são cumpridas. Sua alimentação extremamente especializada — cupins e formigas — é também responsável pelo declínio da espécie.

# LONTRA-MARINHA

(*Enhydra lutris*)

A lontra-marinha é um animal manso e carinhoso. Vive em famílias constituídas pelo pai, a mãe, os recém-nascidos e os filhotes mais velhos. Em geral, cada cria é de apenas um filhote (raramente dois), que a mãe trata com o maior cuidado. Em terra, ela o transporta segurando-o com a boca. Na água, deita-o sobre a barriga, enquanto nada de costas. Pai e mãe ensinam o filhote a nadar. Ao menor sinal de perigo, ou de cansaço, a mãe corre para ajudá-lo ou animá-lo a mais uma tentativa.

A lontra-marinha tem 1,50 m a 1,80 m de comprimento, e pode pesar 30 kg. Os membros anteriores são curtos e terminam em patas com dedos ligados por uma membrana. A parte inferior das patas é calosa e sem pêlos. Os membros posteriores estão implantados bem atrás, e lembram os de certas focas. A cor da pelagem varia do castanho-avermelhado ao preto.

**Distribuição geográfica.** No passado, a lontra-marinha era abundante em todas as costas banhadas pelo Pacífico norte, do Japão à Califórnia, passando pelas ilhas Aleutas. Atualmente, nesse vastíssimo espaço restam, aqui e ali, pequenas populações. As colônias mais numerosas vivem nessas ilhas.

**Habitat.** Águas marinhas costeiras, costões mais ou menos escarpados e recifes que afloram à superfície, próximo das costas.

**Medidas de proteção.** Um levantamento feito em 1960 nas ilhas Aleutas estimou entre 15 000 e 30 000 o número de lontras. Na verdade, a grande devastação ocorreu até o fim do século XIX, quando o comércio de peles e a inexistência de leis de proteção à espécie quase exterminaram a lontra. No século XX, a população aumentou graças às severas leis de preservação adotadas por alguns países.

O fato é que as leis de proteção constituem a única esperança para a lontra-marinha, pois ela suporta mal a vida em cativeiro, e as tentativas de criação nunca deram resultados satisfatórios. Por essa razão há tão poucos exemplares nos zoológicos do mundo. Para se ter uma idéia, em 1975, apenas dois aquários norte-americanos possuíam no total 6 lontras-marinhas.

## FAISÃO-DE-ELLIOT

*(Syrmaticus ellioti)*

O faisão-de-elliot foi descoberto na China em 1872, pelo naturalista Swinhoe. Em 1890, um casal desses faisões reproduzia-se pela primeira vez na Europa.
Como entre todos os faisões, machos e fêmeas diferem entre si: os primeiros têm plumagem mais viva e a cauda rajada de bege e marrom; nas fêmeas, a cauda é uniformemente cinza. (Na ilustração, está representado um macho.)

**Distribuição geográfica.** No passado, o faisão-de-elliot encontrava-se amplamente distribuído pelas províncias do sudeste da China. Hoje, ele habita as mesmas regiões, mas sua população está extremamente reduzida.

**Habitat.** Florestas de montanha.

**Medidas de proteção.** Ignora-se o número de exemplares em liberdade, mas acredita-se que sejam poucos, e que continuem diminuindo em suas áreas de origem.
Entre as principais causas do declínio da espécie estão a destruição de florestas, a caça e o comércio ilegal. Na década de 70, cerca de 400 faisões-de-elliot viviam em cativeiro.

## FAISÃO-DO-MIKADO

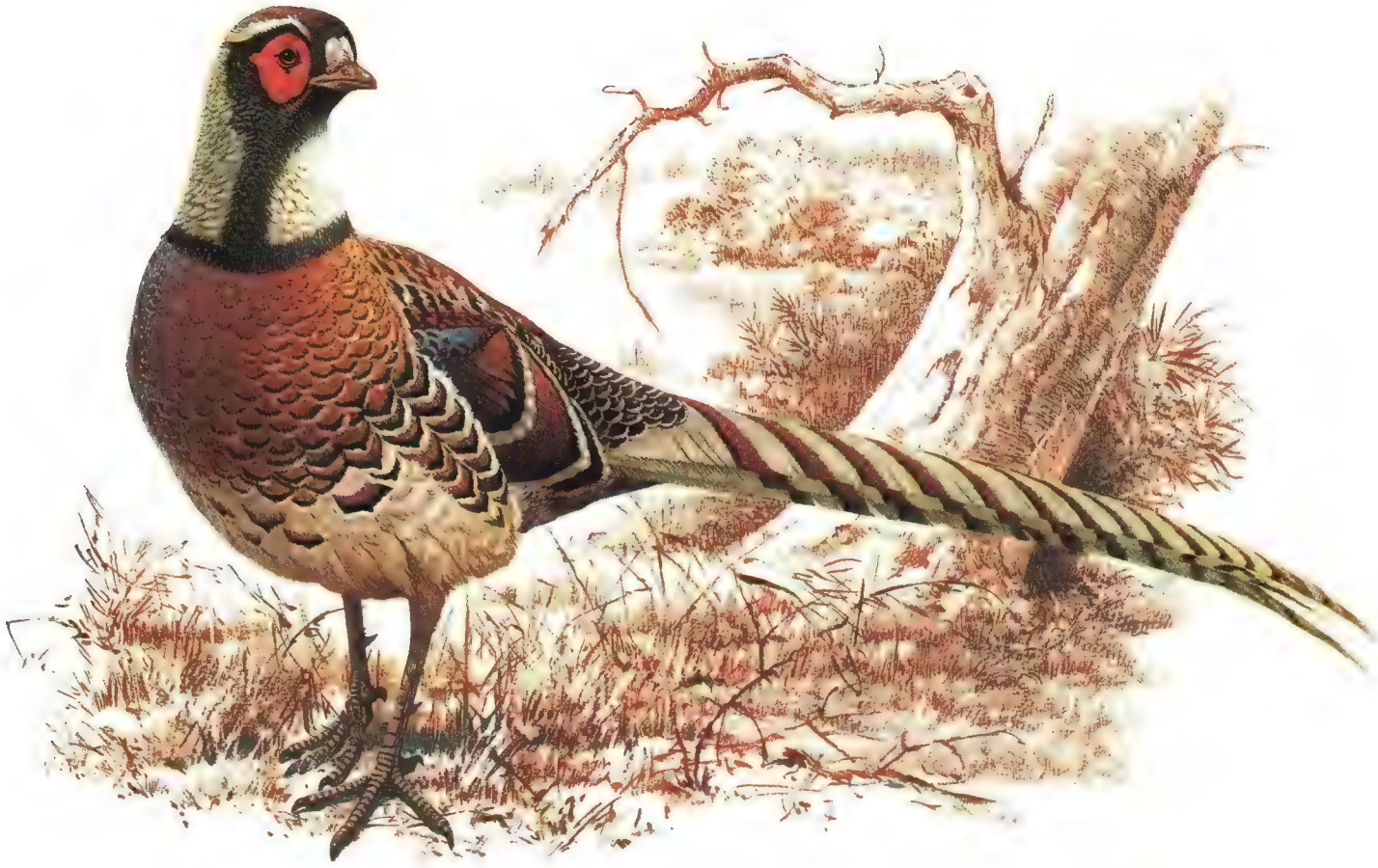
*(Syrmaticus mikado)*

O faisão-do-mikado foi descoberto em 1906, por Goodfellow, que o teria levado para a Europa em 1912. O macho (na ilustração) tem uma bela plumagem preto-azulada, com tons violeta em algumas partes. A cauda, preta, tem barras transversais brancas.

**Distribuição geográfica.** Taiwan (ilha de Formosa).

**Habitat.** Florestas de montanha, acima de 2 000 m de altitude.

**Medidas de proteção.** Como no caso do faisão-de-elliot, também se desconhece o número de faisões-do-mikado em liberdade. Acredita-se, entretanto, que tenham sobrevivido apenas algumas centenas, e não se sabe que medidas têm sido tomadas para os salvaguardar. Eles vivem bem em cativeiro e parece que os exemplares nascidos em zoológicos garantem a sobrevivência da espécie. Espera-se que um certo número deles possa, portanto, ser reintroduzido em seu *habitat* de origem.



## LEOPARDO-DAS-NEVES

(*Panthera uncia*)

O leopardo-das-neves é considerado por alguns estudiosos o elo de ligação entre os representantes do gênero *Felis* e os do gênero *Panthera*, pois lembra os primeiros pelas manchas do pêlo e os segundos pelo ronronar. É um caçador solitário. Come grandes mamíferos mas, na falta destes, não despreza pássaros e animais pequenos.

**Distribuição geográfica**. Regiões montanhosas da Ásia central, norte do Irã e Turquestão e, para o norte, até a China, Mongólia e Rússia. Seu limite meridional situa-se ao norte da Índia.

**Habitat**. Vive nas montanhas entre o limite da vegetação e as neves eternas, de 3 000 a 6 000 m de altitude. No inverno, desce para altitudes de 1 500 a 2 000 m.

**Medidas de proteção**. Embora protegido pelas leis dos países em que vive, o leopardo-das-neves continua sendo caçado pelo valor de sua pele. Em 1971, a Federação Internacional de Peles proibiu seus membros de negociarem a pele do animal. Ignora-se, no entanto, o reflexo dessa medida na preservação da espécie. Foram feitos alguns levantamentos dos exemplares em liberdade, mas nenhum é exato. Em 1975 havia cerca de 140 leopardos-das-neves em 47 zoológicos, um terço dos quais nascido em cativeiro.

## ONÇA-PINTADA

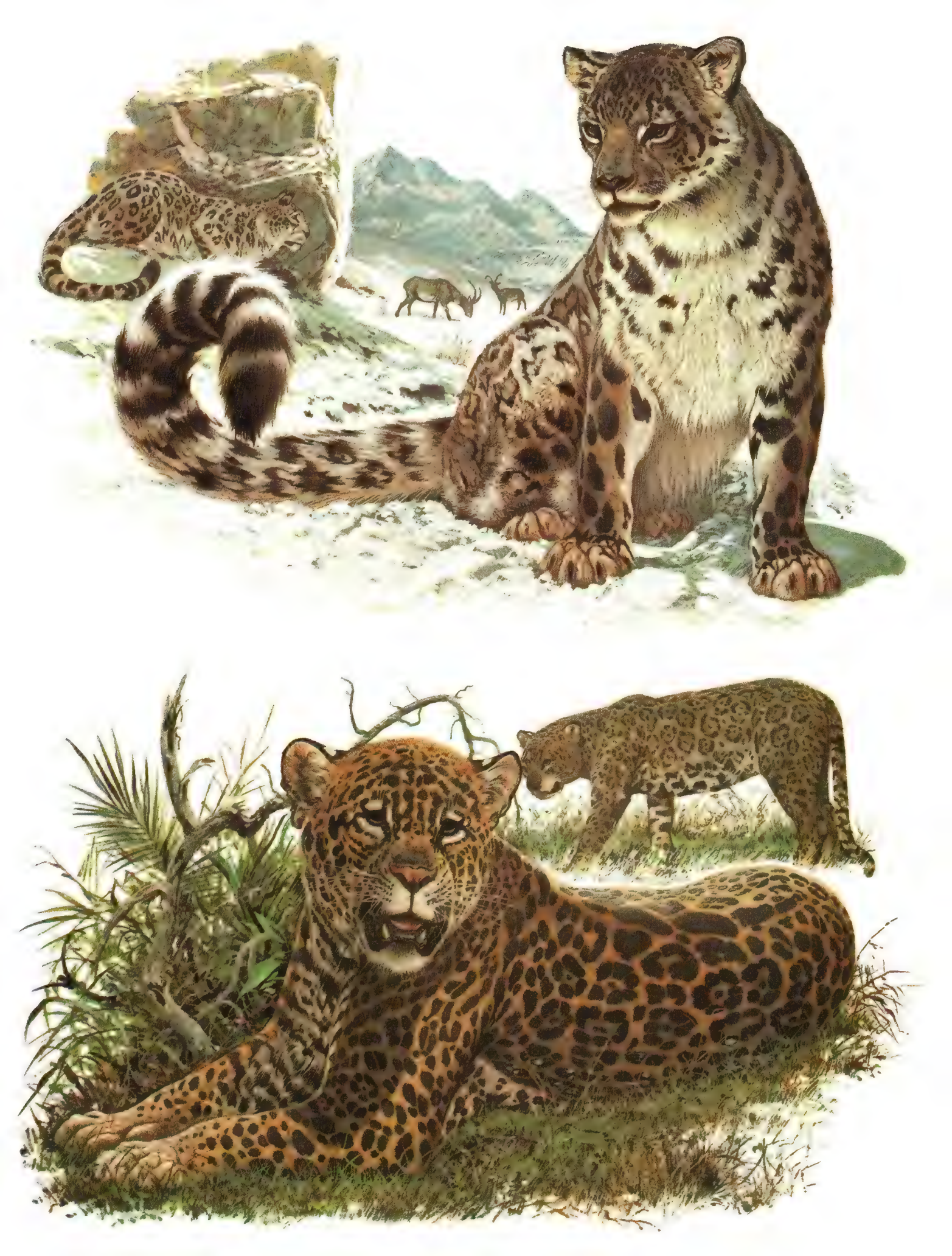
(*Panthera onca*)

Temida pelo homem, a onça-pintada é uma ameaça para qualquer animal que invada seu território de caça. É difícil prevenir-se contra seu ataque, pois o animal move-se silenciosamente, com a cabeça abaixada, e as manchas do pêlo constituem uma perfeita camuflagem.

**Distribuição geográfica**. Considerando as numerosas subespécies, a onça-pintada ocupa toda a área que se estende do sul dos Estados Unidos à Patagônia.

**Habitat**. Vive em geral nas florestas tropicais, nos bosques, nas margens de rios e lagoas, e também em colinas ricas em mata de corte ou abrigos rochosos.

**Medidas de proteção**. Devido à vasta distribuição, é difícil calcular o número de indivíduos. Certas subespécies estão praticamente extintas, e outras em vias de extinção. É o caso da *Panthera o. veracruensis* e da *Panthera o. hernandesi*, do México; e da *Panthera o. ariconensis*, do Arizona (EUA). A redução da espécie deve-se ao comércio de peles. Desde 1970, severas leis protegem a onça-pintada, mas para que elas fossem eficientes seria necessário proteger também o seu ambiente natural. Há onças-pintadas em vários zoológicos europeus e americanos e, felizmente, elas se reproduzem bem em cativeiro.



# CAVALO-DE-PRZEWALSKI

*(Equus caballus)*

O cavalo-de-przewalski é a única espécie de cavalo selvagem ainda viva. Imortalizado pelo homem pré-histórico em pinturas rupestres, é um dos ancestrais do cavalo doméstico. No século XIX, ninguém mais acreditava que esse cavalo selvagem existisse, mas, em 1879, um oficial russo, Nicolai Przewalski, encontrou uma manada no deserto de Gobi, na Ásia.

Há poucas informações sobre a vida desse cavalo em liberdade. Sabe-se que, durante o dia, ele permanece nas regiões desérticas; à noite, procura regiões de pasto com aguadas; ao amanhecer, retorna ao deserto.

Os raros grupos que foram observados tinham, no máximo, vinte indivíduos e eram liderados por um macho adulto. Em caso de perigo, o líder coloca-se na retaguarda, protegendo o bando durante a fuga. Houve casos de cavalos-de-przewalski que se deixaram domar e montar, mas, de modo geral, a espécie não é domesticável.

**Distribuição geográfica.** Acredita-se que o cavalo-de-przewalski já tenha ocupado uma área muito vasta. Mas quando foi descoberto já era muito raro, e vivia apenas nas estepes da zona fronteiriça entre a Mongólia e a China (Zungaria e deserto de Gobi). Hoje, ocupa somente uma área de cerca de 650 km², compreendida entre as cadeias montanhosas de Takhin Shar-nuru e do Baitag-Bogdo.

**Habitat.** As vertentes meridionais das altas montanhas e os vales são os ambientes preferidos no outono e no inverno; as zonas semidesérticas de Gobi, na primavera e no verão. As fontes de água que existem na região são indispensáveis à sobrevivência da espécie. Entretanto, os acampamentos de populações nômades e seus rebanhos espantam o cavalo-de-przewalski para regiões cada vez mais inacessíveis.

**Medidas de proteção.** Logo depois de descoberto, o cavalo foi estudado pelo zoólogo russo I. S. Poliakov, que lhe deu o nome de Przewalski, em homenagem ao descobridor. Sua população, já pouco numerosa em 1879, diminuiu muito entre 1930 e 1956, devido sobretudo à pobreza de pasto e ao solo gelado; e também aos freqüentes conflitos de fronteiras. Ignora-se o número de exemplares hoje em liberdade, mas supõe-se que sejam poucos.

A espécie é protegida na Mongólia desde 1926, mas seria necessário criar reservas onde o gado doméstico não penetrasse, e onde fosse possível reintroduzir exemplares puros, criados em cativeiro. De qualquer modo, a existência do cavalo-de-przewalski está assegurada pelos indivíduos criados em cativeiro, nos zoológicos e parques. Só nos zoológicos da Europa havia, em 1976, 254 animais.

# DRAGÃO-DE-KOMODO

*(Varanus komodoensis)*

O dragão-de-komodo é o gigante entre os sáurios vivos: um macho adulto pode ultrapassar 3 m de comprimento. Mas, mais que seu tamanho, são as formas maciças de seu corpo robusto, os membros vigorosos com patas providas de garras e a cauda forte que dão a este animal um aspecto tão imponente. A cor cinza-escuro e as granulações da pele acentuam sua aparência assustadora, que tantas lendas inspirou aos nativos da ilha de Komodo, na Indonésia. No entanto, embora seja feroz e agressivo em liberdade, o dragão-de-komodo pode tornar-se rapidamente dócil em cativeiro. Suas presas favoritas são os cervos asiáticos.

**Distribuição geográfica.** Além da ilha de Komodo, as pequenas ilhas de Rintja e de Padar e a costa ocidental da grande ilha das Flores.

**Habitat.** Áreas de vegetação arbustiva, tanto por exigências de refúgio e proteção, como pelo fato de as suas presas também viverem nesse tipo de ambiente.

**Medidas de proteção.** As estimativas quanto ao número de dragões-de-komodo são muito imprecisas. Oscilam entre 2 000 e 5 000 indivíduos. Este número poderia induzir a um certo otimismo — falso, porém, se levarmos em conta que os machos são muito mais numerosos que as fêmeas (cerca de 400 em toda a área de distribuição), o que reduz as possibilidades de reprodução da espécie. Para agravar a situação, nem todas as fêmeas põem ovos e nem todos os ovos postos eclodem.

Além disso, há fatores ecológicos desfavoráveis: a seca e a escassez de vegetação e, em conseqüência, a falta de refúgio e de presas. Na ilha de Padar, por exemplo, o ambiente sofreu tais transformações que há pouquíssimas chances de a espécie subsistir.

O dragão-de-komodo é protegido pelo governo da Indonésia. O que não impede, porém, que a caça furtiva continue a ser praticada. As ilhas de Rintja e de Padar foram declaradas reservas naturais e, para a segunda, devido às más condições ambientais, existe um projeto de intervenção do Foresty and Conservation Department, que pretende devolver à ilha suas características originais.

Entretanto, para deter o declínio da espécie seria necessário impedir a caça e criar outras reservas estritamente controladas. A reprodução em cativeiro é difícil, mas não impossível: já foi registrado um caso bem-sucedido no Zoológico de Jacarta.

## CANGURU-MIRIM-DE-LISTRA-BRANCA

*(Onychogalea fraenata)*

O canguru-mirim-de-listra-branca tem uma característica curiosa: na extremidade da cauda, longa e fina, há um esporão semelhante a uma unha, cuja função se desconhece. Aliás, o nome científico do gênero — *Onychogalea* — significa exatamente "cauda com unha". Outra característica são as duas listras brancas que saem da altura dos ombros em direção ao pescoço, atrás da nuca, chegando à base das orelhas.

**Distribuição geográfica.** O canguru-mirim-de-listra-branca vive em zonas muito restritas da Austrália, no sul de Queensland e interior da Nova Gales do Sul.

**Habitat.** Estepes e cerrados mais ou menos espessos.

**Medidas de proteção.** Em meados da década de 70, constatou-se que as últimas capturas de cangurus-mirins-de-listra-branca datavam de 1924, na Nova Gales do Sul, e de 1929, no sudeste de Queensland, perto do rio Dawson. A única medida para salvar a espécie da extinção são inspeções periódicas às regiões onde vivia no passado, a fim de criar reservas para proteger os pequenos grupos ainda existentes.

## CANGURU-MIRIM-PARMA

*(Macropus parma)*

O canguru-mirim-parma tem o dorso marrom; a barriga, o peito e o pescoço são brancos. O focinho é marcado por duas listras longitudinais, brancas, uma de cada lado. Uma listra menos vistosa desce, no dorso, até a metade das costas.

**Distribuição geográfica.** No passado, o canguru-mirim-parma habitava vastas regiões a leste da Nova Gales do Sul. Hoje é encontrado na pequena ilha de Kawau, ao largo de Auckland, na ilha do Norte da Nova Zelândia.

**Habitat.** O ambiente original da espécie é o cerrado e a floresta tropical que antigamente rodeava o lago de Illawarra, ao sul da cidade de Sydney. A floresta, porém, não existe mais e em seu lugar surgiram campos cultivados.

**Medidas de proteção.** Em 1966 acreditava-se que o canguru-mirim-parma estivesse extinto, pois há muitos anos não havia nenhum registro de captura. Logo depois, um grande número de animais foi descoberto na ilha de Kawau. Entre 1966 e 1970, cerca de 380 exemplares foram levados para diversos zoológicos, onde se reproduziram em grande número. Além disso, a espécie é protegida, e uma área no extremo sul de Kawau foi transformada em reserva.

# FOCA-MONGE

*(Monachus monachus)*

Existem três espécies de foca-monge: uma vive no Mediterrâneo, outra no mar das Antilhas e a terceira no Havaí. São, junto com a otária, os únicos pinípedes que habitam regiões subtropicais. O nome *monge* vem da cor da pelagem, quase sempre escura e uniforme no dorso e esbranquiçada no ventre, que lembra vagamente o hábito de algumas ordens religiosas.

**Distribuição geográfica.** No passado, a foca-monge do Mediterrâneo vivia ao longo de toda a costa do Mediterrâneo, do mar Negro, do noroeste da África até o cabo Branco, e ao redor das ilhas Canárias e da Madeira. Atualmente é encontrada apenas ao longo da costa da Bulgária, no mar Negro; nas ilhas mais recuadas do Dodecaneso e nas costas turcas vizinhas, nas costas da Líbia, nas ilhas da Sardenha, Sicília e Montecristo, no Mediterrâneo; nas ilhas entre as Canárias e a costa africana, entre o Saara Ocidental e a Mauritânia, no Atlântico.

**Habitat.** Grutas marinhas, cuja entrada fica embaixo da água, ilhas isoladas ou costas rochosas do continente. Não se sabe se a preferência por grutas é uma livre escolha ou conseqüência da crescente invasão das praias pelo homem.

**Medidas de proteção.** A foca-monge do Mediterrâneo está gravemente ameaçada de extinção. Sua população total é estimada entre 500 e 1 000 indivíduos. Seu declínio deve-se à caça que lhe foi movida por pescadores que a viam como um concorrente na pesca de peixes; e também à presença do homem perto das grutas onde o animal habita, situação agravada pelo desenvolvimento da navegação de recreio e da pesca submarina.
Embora a foca-monge seja protegida na França, Itália, Iugoslávia, Grécia e Bulgária, tem sido difícil impedir sua caça clandestina. Na África goza, desde 1969, da proteção da Convenção Africana. Existe um grupo de focas-monge — 200 indivíduos — no cabo Branco. Na Itália, as pesquisas feitas pela Associação Italiana para a WWF (Fundo Mundial para a Vida Selvagem) permitiram localizar 12 focas em grutas da costa leste da Sardenha, e uma pequena colônia de 4 ou 5 indivíduos na costa noroeste da Sicília. Registrou-se também a presença de 1 ou 2 focas-monge na ilha de Montecristo.
A foca-monge das Antilhas está provavelmente extinta, pois nenhum exemplar foi avistado desde 1952. A foca-monge do Havaí, embora em rápido declínio, não corre perigo imediato.

## KAKAPO

*(Strigops habroptilus)*

O papagaio-noturno, ou kakapo, como é chamado pelos indígenas — e como também é mais conhecido —, assemelha-se bastante a uma ave de rapina noturna. Suas asas são curtas e a cauda, de comprimento médio, tem a borda posterior ligeiramente arredondada. Os tarsos são bastante longos e os dedos, grossos, terminam em garras fortes e recurvadas.
Seus hábitos são predominantemente crepusculares. É no fim da tarde, à noite ou em dias nublados que ele procura alimento: musgos, frutas, brotos, folhas e diversos outros vegetais. Hesita muito antes de voar. De preferência desloca-se a pé de uma árvore para a outra e depois alcança os galhos mais altos trepando.

**Distribuição geográfica.** Antigamente esta espécie era muito abundante nas ilhas do Norte e do Sul da Nova Zelândia, bem como nas ilhas Chatham e Stewart. Hoje é encontrada apenas na ilha do Norte.

**Habitat.** Florestas do nível do mar até 2 000 m de altitude.

**Medidas de proteção.** Segundo o *Red Data Book,* em 1960 havia cerca de 200 exemplares de kakapo em sua área de distribuição. Em 1971, esse número estava reduzido à metade, e tudo leva a crer que tenha continuado a diminuir. As causas desse declínio são a destruição do ambiente pelo homem e a introdução na ilha de animais predadores ou concorrentes, que levam vantagem diante deste pássaro praticamente sem defesas.
A espécie é protegida por lei, mas corre o risco de se extinguir. Não existe nenhum exemplar em cativeiro, pois todas as tentativas para criá-la fora de seu ambiente natural fracassaram.

## PERIQUITO-DE-PEITO-ESCARLATE

*(Neophema splendida)*

Um dos mais belos e coloridos periquitos é o periquito-de-peito-escarlate. Mede 20 cm e é muito raro. Como ele, são raros também o periquito-de-ventre-alaranjado (*Neophema Chrysogaster*) e o periquito-turquesa (*Neophema pulchella*).

**Distribuição geográfica.** No passado, o periquito-de-peito-escarlate vivia numa grande parte da Austrália Meridional. Hoje está presente sobretudo na península de Eyre, sendo ocasionalmente encontrado em outras regiões da Austrália Meridional e Ocidental.

**Habitat.** Regiões semi-áridas — o periquito-de-peito-escarlate gosta de se aninhar em troncos secos.

**Medidas de proteção.** A espécie tornou-se rara devido à destruição de seu *habitat* e à caça para capturar exemplares destinados a zoológicos e colecionadores. Atualmente é protegida por lei, mas ignora-se o número de indivíduos em liberdade. Felizmente, reproduz-se muito bem em cativeiro.

# LOBO-GUARÁ

*(Chrysocyon brachyurus)*

O lobo-guará é o mais belo e o maior dos canídeos da América do Sul. Tem quase 1,50 m de comprimento, incluindo a cauda, cerca de 90 cm de altura (nas espáduas) e 23 kg de peso. À primeira vista, parece uma grande raposa apoiada em pernas de pau.

De fato, o lobo-guará é um pernalto, e o desenvolvimento excepcional dos membros deve-se, provavelmente, à adaptação do animal à vida nos cerrados. As pernas longas permitem que ele se desloque facilmente entre a vegetação, à procura de suas presas.

O lobo-guará tem um típico caminhar ondulante, que lembra a andadura do cavalo: ergue, ao mesmo tempo, as duas patas do mesmo lado.

**Distribuição geográfica.** O lobo-guará vive no Brasil central. É encontrado também na Bolívia, no Paraguai e no norte da Argentina. No passado, vivia ao sul do rio da Prata e no centro do Uruguai, mas desapareceu dessas regiões no século XIX.

**Habitat.** O cerrado brasileiro e zonas semidesérticas da região do Chaco, no Paraguai.

**Medidas de proteção.** O lobo-guará, que parece ter sido sempre um animal raro, está bastante ameaçado. Sua existência é extremamente precária na Argentina; é um pouco mais segura no Chaco paraguaio e nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Brasil.

Apesar do perigo de extinção, o lobo-guará não é protegido, a não ser em alguns parques e reservas. Medroso, ele foge do avanço da colonização e da devastação das florestas que protegiam seu *habitat*.

Considerando os animais capturados entre 1964 e 1967, calculou-se que só no Brasil, numa área de 650 000 km$^2$, devia haver naquela época 1 500 a 2 200 lobos-guarás. Concentravam-se, sobretudo, no planalto Central e no Pantanal mato-grossense. Hoje, ignora-se o número de animais que vivem na região.

O lobo-guará é um animal bastante cobiçado pelos jardins zoológicos, onde apareceu há poucas dezenas de anos. Em 1975, havia cerca de 90 lobos-guarás (30 nascidos em cativeiro) em 28 zoológicos do mundo. Os primeiros nascimentos ocorreram no Zoológico de San Diego, na Califórnia, em 1953 e 1954. Mas os filhotes, abandonados pela mãe, morreram. Em 1967, no Zoológico de Frankfurt, na Alemanha, uma loba aceitou os filhotes de lobo-guará para criar. E eles sobreviveram.

Hoje, diversos zoológicos europeus vêm tentando, com sucesso, a reprodução de lobos-guarás. Também no Brasil, no Zoológico de Sorocaba, Estado de São Paulo, existe atualmente criação de lobos-guarás com resultados positivos.

# LINCE DA PENÍNSULA IBÉRICA

*(Felis pardina)*

As características gerais do lince da península Ibérica ou lince-pardo, bem como seus hábitos, são semelhantes aos de todos os linces. Tem uma visão aguçadíssima: é capaz de distinguir um rato a 65 m de distância, um coelho a 300 m, e um cabrito a 500 m.
Os tufos de pêlos nas orelhas desempenham importante papel na sua também excelente audição: permitem ao animal localizar melhor a direção de um som. Quando se cortaram esses tufos de alguns linces que viviam em cativeiro, constatou-se sua dificuldade em detectar o lugar de origem de determinado ruído. Além disso, os tufos são úteis para afastar os insetos, durante as longas sestas do animal. Como os outros linces, e tantos felinos, o lince-pardo tem hábitos solitários, caça de preferência ao amanhecer e no crepúsculo, em territórios que ele demarcou com urina.

**Distribuição geográfica.** Segundo alguns estudiosos, o lince-pardo foi abundante na Itália, na França, nas montanhas do Cáucaso e dos Bálcãs, sul dos Cárpatos, Grécia, Albânia e em regiões montanhosas da península Ibérica. Atualmente, sua presença é confirmada apenas na Espanha.

**Habitat.** No passado, o lince-pardo habitava as zonas montanhosas recobertas por um tipo de vegetação denominado *maqui mediterrâneo:* moitas constituídas por plantas como tomilho, alfazema e alecrim, entremeadas por esparsos castanheiros, aroeiras e outras árvores. Entretanto, devido sobretudo a uma epidemia que, por volta de 1960, dizimou grande número de coelhos (principal alimento dos linces) e ao reflorestamento das regiões montanhosas da Espanha, o lince foi obrigado a emigrar para outros territórios, onde ficou mais exposto aos caçadores. Somente na região pantanosa do rio Guadalquivir o lince-pardo encontrou refúgio seguro.

**Medidas de proteção.** Calcula-se em 30 o número de linces-pardos que vivem nos mangues do Guadalquivir — 20 dos quais no Parque Nacional do Coto Doñana. Não existe qualquer informação sobre a existência de linces em Portugal, Grécia, ou outras regiões antigamente habitadas pelo animal. O que se sabe é que, até recentemente, ele era caçado pelo alto valor comercial de sua pele, e por ser considerado "nocivo" aos rebanhos de carneiros. Em 1975, havia apenas 7 linces-pardos em cativeiro, em quatro zoológicos no mundo inteiro.

## PAPAGAIO-DA-NOVA-ZELÂNDIA

*(Nestor meridionalis)*

Segundo alguns autores, a espécie *Nestor meridionalis* (papagaio-da-nova-zelândia ou kaka) pode ser dividida em duas subespécies: *Nestor meridionalis meridionalis* e *Nestor meridionalis septentrionalis.*

**Distribuição geográfica.** O *N. m. meridionalis* vive na ilha do Sul; o *N. m. septentrionalis* ocorre apenas na ilha do Norte.

**Habitat.** Montanhas da Nova Zelândia até o limite superior da floresta.

**Medidas de proteção.** Antes da chegada dos europeus à Nova Zelândia, o kaka devia alimentar-se de grãos, frutos e brotos. Os colonizadores, porém, transformaram ou destruíram o meio ambiente, e os hábitos desses papagaios mudaram. Provavelmente, começaram a comer restos de animais, e acabaram por investir contra animais vivos. Os criadores de rebanhos, de carneiros e ovelhas, passaram então a massacrar os papagaios, e até hoje se dá prêmios a quem os mata. Ignora-se o número de exemplares sobreviventes, mas acredita-se que a espécie acabará se extinguindo se não forem tomadas medidas que a protejam.

## CORUJA-PEQUENA-DAS-SEYCHELLES

*(Otus insularis)*

A coruja-pequena-das-seychelles mede apenas 25 cm de altura, e é também chamada de coruja-pequena-de-pés-nus, devido aos seus tarsos sem plumas. Tem hábitos crepusculares e alimenta-se sobretudo de insetos.

**Distribuição geográfica.** Atualmente é encontrada apenas na ilha de Mahé. Acredita-se que no passado habitava as demais ilhas do arquipélago das Seychelles — no oceano Índico, 1 100 km a nordeste de Madagascar.

**Habitat.** Florestas com solo coberto de musgos, até 1 000 m de altitude.

**Medidas de proteção.** Durante muito tempo pensou-se que a pequena coruja estivesse extinta. A última notícia que se tinha do animal datava de 1906, e pesquisas realizadas entre 1931 e 1936 foram infrutíferas. Em 1959, porém, descobriu-se um pequeno grupo de corujas numa região montanhosa de Mahé.
Entre as causas do declínio da espécie estão a concorrência de outros animais introduzidos nas ilhas e a destruição do meio ambiente.

## GROU-DA-MANDCHÚRIA

*(Grus japonensis)*

Das seis espécies de grous que habitam o Japão, o *Grus japonensis* foi o único a ser chamado de *o* grou. De fato, é o mais belo de todos e em torno dele há uma aura de lenda, história, folclore, arte e superstição. Sua plumagem sedosa é quase toda branca. Longas penas de um negro-brilhante destacam-se na altura da cauda; dos lados da cabeça tem também duas faixas negras; são negros ainda o pescoço e as pernas.
O grou-da-mandchúria é imponente; mede 1,3 m de altura e sua envergadura alar é de 70 cm. Em geral, a fêmea põe apenas um ovo (às vezes dois) e o choca, alternando-se com o macho, por cerca de trinta dias.

**Distribuição geográfica.** No passado, o grou-da-mandchúria nidificava na Coréia, China oriental, Japão e, claro, também na Mandchúria (nordeste da China). Atualmente, nidifica sobretudo em duas áreas da ilha japonesa de Hokkaido. Algumas populações (pequenas) nidificam ainda na China e na Mandchúria.

**Habitat.** Regiões pantanosas.

**Medidas de proteção.** O ressecamento dos pântanos e a caça intensiva foram responsáveis pela quase extinção da espécie no fim do século passado. Ignora-se o número exato da população atual, mas um levantamento de 1963 estimou em 147 os sobreviventes. Em 1964, esse número tinha subido para 180. O *Red Data Book* considera a espécie muito rara e em diminuição. Na Coréia e no Japão, onde foi declarado "monumento natural", o grou é protegido por lei e, desde 1921, seus territórios de nidificação foram transformados em reservas.
Em 1975 existiam 53 grous-da-mandchúria em vinte zoológicos do mundo. Cerca de duas dezenas tinham nascido em cativeiro. O primeiro nascimento ocorreu na Grã-Bretanha, em 1918.

## PINGÜIM-DAS-GALÁPAGOS

*(Spheniscus mendiculus)*

O pingüim-das-galápagos tem cerca de 50 cm de altura e 2 kg de peso. Suas asas, desprovidas de penas e adaptadas à natação, medem 23 cm. O corpo é branco e preto com reflexos azulados. O bico, pontudo, é recurvado na extremidade.

**Distribuição geográfica.** Ilhas Fernandina e Isabela, no arquipélago das Galápagos.

**Habitat.** Cavidades de rochas perto do mar.

**Medidas de proteção.** Em meados da década de 70, o pingüim-das-galápagos estava reduzido a 2 000 exemplares. Supõe-se que a causa de seu declínio seja a caça intensiva praticada pelos moradores das ilhas, que não respeitam a lei que protege a espécie.

## MORSA

*(Odobenus rosmarus)*

A morsa é a única espécie do único gênero ainda existente da família dos Odobenídeos. Existem três subespécies de morsa: a morsa-do-ártico (ou morsa-atlântica) *(Odobenus rosmarus rosmarus);* a morsa-do-pacífico *(Odobenus rosmarus divergens);* e a morsa-do-mar-de-laptev *(Odobenus rosmarus laptevi).*

**Distribuição geográfica.** A morsa-do-ártico, que no passado era encontrada em toda a região que vai da embocadura do rio Ienissei até a baía de Hudson, passando pela Groenlândia, desapareceu das regiões mais ao sul. A morsa-do-pacífico, que vivia do mar de Behring à península de Kamtchatka, está presente nas áreas mais setentrionais. A morsa-do-mar-de-laptev vive na costa norte da Sibéria.

**Habitat.** Mar alto na época das migrações e deslocamentos; praias arenosas nas ilhas ou costas continentais na época de reprodução.

**Medidas de proteção.** Embora todas as subespécies estejam ameaçadas, é a morsa-do-mar-de-laptev a que corre mais perigo. Está protegida desde 1957, só podendo ser caçada pelas populações locais e expedições árticas com finalidade estritamente alimentar.

## DUGONGO

*(Dugong dugon)*

O dugongo pode atingir 3,20 m de comprimento e pesar 300 kg. Na cabeça, grande e arredondada, destaca-se o focinho largo e os lábios enormes. Os olhos são pequenos e não têm pálpebras; os membros anteriores não passam de curtos apêndices em forma de espátula destinados unicamente à natação: o dugongo é um mamífero que se adaptou à vida aquática.

**Distribuição geográfica.** Vive ainda em toda a costa do mar Vermelho e do oceano Índico, da África oriental, Madagascar, à Arábia, Índia, e na Malásia, Filipinas, Indonésia e costas setentrionais da Austrália.

**Habitat.** Águas costeiras pouco profundas; às vezes penetra nos estuários dos rios e sobe por eles, nunca se afastando muito do oceano.

**Medidas de proteção.** Embora não esteja seriamente ameaçado, o dugongo tem diminuído em todo o mundo, e já desapareceu completamente em determinadas regiões. Isso porque tem sido muito caçado para o aproveitamento da carne e da gordura. É mais numeroso nas costas da Austrália e da Nova Guiné, em cujas águas se encontra protegido.

## GAVIAL-DO-GANGES

*(Gavialis gangeticus)*

Este réptil, completamente inofensivo, tem uma aparência que assusta. Pode atingir 7 m de comprimento; seu focinho é fino e muito alongado (cerca de três vezes mais longo que largo). A maxila superior é provida de 54 dentes pontudos; a inferior, de 48. Sua cor é verde-oliva, com manchas mais escuras na parte superior. Os flancos são verde-amarelados e a região ventral é quase branca.
A fêmea põe os ovos em terra firme ou sobre bancos de areia. Os filhotes, ao nascer, medem cerca de 40 cm.

**Distribuição geográfica.** Bacia do Ganges e do Brahmaputra, na Índia; rio Kaladan e embocadura do Maingtha, na Birmânia.

**Habitat.** Águas profundas e rápidas dos grandes rios.

**Medidas de proteção.** Animal sagrado para os hindus, o gavial-do-ganges sempre foi perseguido por caçadores de peles. Atualmente está extinto em boa parte de sua área de difusão original. Além de ameaçado pela construção de barragens e canais artificiais, é muitas vezes apanhado na rede de pescadores, que o matam, principalmente por verem nele um perigoso concorrente. Apesar da proteção que goza na Índia desde 1972, e da proibição da exportação de sua pele (desde 1958), continua sendo dizimado. Em 1976, calculava-se que existissem apenas 300 exemplares; 35 deles viviam em cativeiro em 21 zoológicos do mundo.

## IGUANA-TERRESTRE-DAS-GALÁPAGOS

*(Conolophus subcristatus)*

O iguana-terrestre-das-galápagos também é um animal tranqüilo e inofensivo. Tem pouco mais de 1 m de comprimento, dos quais 55 cm correspondem à cauda. O corpo é atarracado, os membros, robustos, e uma crista, rígida e denteada, ergue-se na altura do dorso. Pregas cutâneas formam uma espécie de babado no pescoço.
É uma espécie vegetariana. Na época do acasalamento, o macho delimita um território e o defende de outros machos.
A fêmea põe os ovos numa cova que ela mesma escavou, e em seguida cobre-os de terra.

**Distribuição geográfica.** Vive apenas nas ilhas Galápagos.

**Habitat.** Terrenos com muitos arbustos.

**Medidas de proteção.** A espécie desapareceu na maior parte das ilhas e é muito rara em outras. As causas do progressivo declínio são a caça desenfreada que lhe é movida pelo homem, o ataque de bútios (aves de rapina) e a introdução nas ilhas de animais domésticos. A cabra, sobretudo, destruindo os arbustos, deixa os iguanas sem proteção contra os ataques das aves de rapina. Não existe nenhum exemplar em cativeiro.

## UACARI-VERMELHO

*(Cacajao rubicundus)*

A principal característica do uacari-vermelho é a cara, de um vermelho muito vivo. Pouco se sabe sobre seus costumes, bem como sobre seu comportamento social. Acredita-se que viva geralmente em pequenos grupos, mas já foram observados bandos de muitos indivíduos.

**Distribuição geográfica.** Por volta de 1930, o uacari-vermelho habitava a região compreendida entre o rio Amazonas e o Javari, na parte leste do Peru, estendendo-se até o sudoeste do Brasil. Hoje é encontrado a oeste do rio Madeira.

**Habitat.** Vive nas árvores da floresta amazônica.

**Medidas de proteção.** O uacari-vermelho é considerado uma espécie rara em sua área de distribuição. Embora não se disponha de números, sabe-se que o animal está em perigo, pois depende, para sobreviver, de condições muito especiais de meio ambiente. Quando seu *habitat* é destruído, o grupo não se transfere para lugares mais favoráveis, ficando assim condenado à morte.
Mas a causa principal do declínio da espécie é a caça, que, apesar de proibida por lei, é praticada clandestinamente por fazendeiros e caçadores profissionais. A única forma de salvar a espécie talvez seja a criação de reservas adequadas.

## LANGUR-JASPEADO

*(Pygathrix nemaeus)*

O langur-jaspeado é um macaco de pelagem vistosa, que pode medir 1,50 m, dos quais cerca de 70 cm pertencem à cauda. Seus hábitos são praticamente desconhecidos.

**Distribuição geográfica.** Laos, Vietnam e ilha de Hainan.

**Habitat.** Florestas equatoriais, até 2 000 m de altitude.

**Medidas de proteção.** A região onde vive foi palco de vários conflitos: a Segunda Guerra Mundial (1939/45), à qual se seguiu a Guerra da Indochina (1946/54) e, depois, a Guerra do Vietnam, de 1961 a 1975. As guerras provocaram estragos diretos e indiretos. Muitos animais foram abatidos e devorados pelos soldados em luta; por outro lado, seu *habitat* foi destruído por bombardeios, incêndios, devastações e perturbações devidas ao movimento de tropas, ao sobrevôo de aviões e helicópteros e, sem dúvida, à guerra química.
Não há dados recentes sobre o número de exemplares da espécie. Em 1975, 54 langures-jaspeados viviam em onze zoológicos. Desses, 20 tinham nascido em cativeiro. Este dado é importante, pois permite concluir que é possível fazer um repovoamento do ambiente natural com indivíduos nascidos em zoológicos.

## FRANCELHO-DA-ILHA-MAURÍCIO

*(Falco punctatus)*

O francelho-da-ilha-maurício é um dos pássaros mais raros e, ao que parece, sua extinção é quase inevitável.
Esta pequena ave de rapina (atinge apenas 25 cm de comprimento) tem a parte superior do corpo castanho-avermelhada, com manchas pretas; a parte inferior é esbranquiçada, com manchas marrom-avermelhadas ou pretas.

**Distribuição geográfica.** Ilha Maurício, no oceano Índico.

**Habitat.** Região de florestas.

**Medidas de proteção.** Abundante até sessenta anos atrás, o francelho-da-ilha-maurício é hoje extremamente raro. As principais causas de seu declínio são a destruição de seu *habitat*, a introdução na ilha de macacos e ratos, que devoram os ovos e os filhotes, e, também, a caça praticada pelos indígenas, que o acusam de "comedor de galinhas". Mas, na verdade, ele gosta mesmo é de comer lagartos.
Em 1974, havia apenas três casais na ilha, um dos quais foi capturado para se tentar uma experiência de reprodução em cativeiro, que não foi bem-sucedida — o filhote morreu algumas semanas depois do nascimento. Novas experiências têm sido tentadas, pois essa é a única forma de impedir a extinção da espécie.
Até 1976, os dois casais em liberdade tinham 7 filhotes, o que elevava a população, na época, para 13 exemplares.

## FRANCELHO-DAS-SEYCHELLES

*(Falco araea)*

O francelho-das-seychelles também é pequeno — mede cerca de 20.cm de comprimento. Na parte superior do corpo, sua plumagem é marrom, com manchas pretas; os remígios (penas mais longas das asas) são cinza-azulados; a parte inferior do corpo é esbranquiçada.
O francelho-das-seychelles nidifica em edifícios abandonados, e põe habitualmente dois ovos. Alimenta-se de lagartos.

**Distribuição geográfica.** Até 1940, ocorria em todas as ilhas do arquipélago das Seychelles. Hoje, sobrevive apenas na ilha de Mahé.

**Habitat.** Plataforma de areia coralina.

**Medidas de proteção.** Supõe-se que o declínio da espécie esteja associado à introdução nas ilhas de ratos e corujas, que devoram seus ovos e filhotes.
Outro fator que tem agravado a situação do francelho-das-seychelles é o fato de ele não temer o homem, tornando-se assim presa fácil dos caçadores.
Ignora-se o número de exemplares existentes, mas acredita-se que esteja bem reduzido, e em constante diminuição. A espécie não goza de nenhuma proteção.

# JUMENTO-AFRICANO

*(Equus asinus)*

No passado, quando eram abundantes, os jumentos da África viviam em grandes bandos liderados por um garanhão. Deslocavam-se continuamente, em busca de alimento. A audição, muito desenvolvida, evitava que eles fossem surpreendidos por seus inimigos naturais, pois, ao menor ruído suspeito, fugiam com uma velocidade tal que, na maioria das vezes, todos se salvavam. Somente nos locais onde bebiam água podiam ser vítimas da tocaia de grandes carnívoros, como leões e leopardos; ou do próprio homem, que sempre caçou o jumento por sua carne, muito apreciada, e sua pele.
Segundo alguns estudiosos, haveria uma única espécie de jumento-africano, com três subespécies: o jumento-da-núbia (na ilustração, em cima), o jumento-da-África-do-norte e o jumento-da-somália (representado em primeiro plano). O jumento-da-África-do-norte está provavelmente extinto.
A altura do jumento-africano varia entre 1,10 m e 1,40 m (no garrote), sendo a subespécie da Núbia menor que a da Somália. As pernas são finas em relação ao comprimento, e as orelhas, apesar de grandes, são proporcionais à cabeça. A crina não é muito longa. O pêlo vai do cinza-puro ao cinza-amarelado ou cinza-rosado.

**Distribuição geográfica.** O jumento-da-África-do-norte vivia principalmente ao sul dos montes Atlas; o jumento-da-núbia habita as colinas próximas do mar Vermelho, ao sul de Suakin, no Sudão, e a fronteira da Eritréia, na Etiópia, para o sul, até o rio Atbara. O jumento-da-somália ocupa uma área que se estende de Massaua, ao norte, na Eritréia, ao Uebi Shebele, no sul; e, no interior, das planícies de Danakil até o vale de Awash.

**Habitat.** Zonas áridas, cobertas de vegetação pobre.

**Medidas de proteção.** Muitos autores acreditam que a subespécie da Núbia também já está extinta ou, então, cruzada com raças domésticas introduzidas em sua área de origem. Um levantamento recente da subespécie da Somália estimou entre 200 a 3 000 o número de cabeças na Etiópia; na própria Somália haveria apenas 250 cabeças. O empobrecimento da espécie deve-se às perseguições do homem.
O jumento-da-núbia e o jumento-da-somália são protegidos por lei, mas é praticamente impossível controlar sua caça em regiões desoladas. Para o jumento-da-somália foi criada uma reserva na região do Teo, com cerca de 2 000 km$^2$.
Em 1975, havia 40 jumentos-africanos em seis zoológicos ou parques. Quase todos descendiam do grupo que foi importado pela Alemanha em 1930, e colocado no Parque de Hellabrunn, em Munique. Em 1970, também o Zoológico de Basiléia (Suíça) havia comprado 5 jumentos da Somália.

GUIA ILUSTRADO

# ANIMAIS EM EXTINÇÃO

## Belos, necessários, indefesos. Alguém precisa ajudá-los a viver.

Por que existem hoje, na Natureza, animais ameaçados de extinção? Onde vivem e o que se faz para protegê-los? Nesta edição especial de O MUNDO DOS ANIMAIS estão, em lindos desenhos coloridos, algumas das mais importantes espécies ameaçadas, às vezes essenciais ao equilíbrio do ambiente em que sempre viveram. Aprenda a conhecê-las e a preservá-las, em benefício do próprio homem.

EDIÇÃO ESPECIAL

O MUNDO DOS ANIMAIS

NOVA CULTURAL